



**DA REFERÊNCIA MOSTRADA À
REFERÊNCIA CONSTITUÍDA:
A INSERÇÃO DA CRIANÇA NA LÍNGUA E NA CULTURA**

**FROM THE SHOWN REFERENCE TO THE
CONSTITUTED REFERENCE:
THE CHILD'S ENTRY IN LANGUAGE AND CULTURE**

GIOVANE FERNANDES OLIVEIRA¹

RESUMO: O presente estudo propõe-se a responder à seguinte questão: *como a relação eu-tu (intersubjetividade) / ele (referência) contribui para a constituição da criança como falante de sua língua materna e participante da sociedade dessa língua?* Para tanto, a partir da teorização enunciativa de Émile Benveniste sobre a referência e do deslocamento dessa teorização para o campo aquisicional operado por Silva (2009), analisam-se dados de fala de uma criança em processo de aquisição da linguagem. Os resultados da análise indicam mudanças na relação criança-linguagem vinculadas à língua, ao discurso e à própria criança enquanto falante e ouvinte de sua língua materna e participante da sociedade dessa língua, na medida em que é nas relações com o outro e com a cultura via enunciação que a criança apreende, com os signos da língua, os objetos e as situações do mundo por eles representados.

Palavras-chave: aquisição da linguagem; intersubjetividade; referência.

ABSTRACT: This study proposes to answer the following question: *how the I-You relation (intersubjectivity) / He (reference) contributes to the child's constitution as a speaker of his mother tongue and as a participant in the society of that language?* To do so, it analyzes speech data from a child in the process of language acquisition based on Émile Benveniste's enunciative theorization of reference and on the transposition of this theorization to the field of Language Acquisition as proposed by Silva (2009). The results of the analysis indicate changes in the child-language relation regarding the language, the speech and the child himself as a speaker and listener of his mother tongue and as a participant of the society of that language, insofar as it is in the relations with the other and with culture through enunciation that the child apprehends, with the signs of language, the objects and situations of the world they represent.

Keywords: language acquisition; intersubjectivity; reference.

¹ Doutorando em Estudos da Linguagem, vinculado à linha de pesquisa "Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas", do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). gio.ufrgs@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8251-8353>.

1. INTRODUÇÃO

O problema milenar da referência, isto é, da conexão da linguagem com a exterioridade atravessou os séculos, permanecendo, do classicismo à contemporaneidade, como um dos temas que mais instigam filósofos e linguistas.

Na Antiguidade Clássica, esse problema nasce junto da discussão acerca do vínculo entre as palavras e as coisas na Grécia Antiga. No *Crátilo*, por exemplo, Platão discorre sobre a natureza da ligação entre os nomes e os objetos, antecipando questões como o debate em torno da arbitrariedade ou não dessa ligação (convencionalismo vs. naturalismo).

Na Idade Contemporânea, a referência ressurgiu com força na agenda dos estudos linguísticos e dos estudos filosóficos, como atesta o panorama traçado por W. B. Silva (2014).

Quanto aos estudos linguísticos, a autora revisita nomes como Saussure, que funda a linguística moderna enquanto ciência e distancia a referência do horizonte dos linguistas ao instituir a língua como ordem própria, independente da ordem da realidade; Benveniste², que teoriza sobre a referência relacionando-a à enunciação e faz uma leitura crítica da reflexão saussuriana sobre a natureza do signo linguístico; e Jakobson, que postula a função referencial da linguagem. Ainda no quadro da linguística, a pesquisadora passa também por disciplinas como a análise da conversação, a linguística do texto e a análise do discurso, que contribuíram para a emergência de uma dimensão discursivo-pragmática da referência, com a consideração, de um lado, da língua em uso, do contexto, dos interlocutores e de suas intenções (dimensão pragmática) e, de outro lado, dos componentes cognitivo, histórico, social, cultural e ideológico da linguagem (dimensão discursiva).

Quanto aos estudos filosóficos, W. B. Silva (2014) dialoga com os principais nomes da filosofia analítica, tanto os da Escola de Cambridge (Frege, Russell e Wittgenstein) quanto os da Escola de Oxford (Strawson, Donnellan, Austin e Searle). Da primeira escola, destacam-se os estudos pioneiros de Frege sobre as condições de verdade nas linguagens formais e nas línguas naturais, os quais o conduziram a distinguir as noções de *sentido*, *referência* e *representação*. Da segunda escola, destaca-se a teoria dos atos de fala de Austin, que enfatiza a transformação da realidade por meio da linguagem, com o deslocamento de uma noção de *referência* com foco na verdade das proposições para uma noção de *ação discursiva* com ênfase na eficácia dos atos de fala, realizados por interlocutores que agem sobre o mundo por intermédio da língua situada em contextos de uso sempre concretos.

Central nos estudos da significação, de tendências sejam linguísticas sejam filosóficas, o problema da referência também o é nos estudos de aquisição da linguagem, fenômeno a partir do qual tal problema é por mim abordado neste

² Ainda que W. B. Silva (2014) apresente as linhas gerais do olhar benvenistiano sobre a referência, a autora não realiza uma incursão mais minuciosa por diferentes textos do linguista, a fim de desvelar os desdobramentos de sua teorização sobre o fenômeno referencial, o que configura o intento do livro do qual resulta, em parte, este artigo (cf. nota 3 adiante).

trabalho. Essa abordagem, orientada pela teorização enunciativa de Émile Benveniste, articula a referência à intersubjetividade e ao papel que desempenham, juntas, na relação inicial da criança com a linguagem. Mais especificamente, busco responder à seguinte questão norteadora: *como a relação eu-tu (intersubjetividade) / ele (referência) contribui para a constituição da criança como falante de sua língua materna e participante da sociedade dessa língua?*

Para tanto, organizo este texto em três momentos. No primeiro momento (cf. seção 2), apresento um conjunto de noções que podem ser derivadas da teorização enunciativa benvenistiana sobre a referência. No segundo momento (cf. seção 3), retomo a reflexão de Silva (2009) sobre a operação de referência na aquisição da linguagem. No terceiro momento (cf. seção 4), a partir desse aporte teórico, analiso quatro dados de fala de Gustavo, criança acompanhada do 1º mês aos 6 anos e 11 meses, pertencentes ao *corpus* do grupo NALíngua (Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem).

2. DA RELAÇÃO LÍNGUA-DISCURSO À RELAÇÃO LÍNGUA-SOCIEDADE: A REFERÊNCIA EM BENVENISTE

O título desta seção justifica-se pela divisão que estabeleço entre os artigos nos quais Benveniste teoriza mais detidamente sobre a referência. Essa divisão separa tais textos em dois grupos.

No primeiro grupo, constam estudos que apresentam uma discussão centrada em aspectos mais estritamente linguístico-enunciativos, vinculando a referência à relação língua-discurso e destacando questões como a intersubjetividade, a situação discursiva e a relação forma-sentido. Integram esse grupo os seguintes títulos: *A natureza dos pronomes* (1956), *Da subjetividade na linguagem* (1958), *Os níveis da análise linguística* (1964), *A linguagem e a experiência humana* (1965), *A forma e o sentido na linguagem* (1966) e *O aparelho formal da enunciação* (1970).

No segundo grupo, inserem-se trabalhos que, sem ignorar os aspectos anteriores, situam a referência no âmbito da relação língua-sociedade, focalizando questões como as práticas sociais comuns ao exercício da língua e os valores culturais que nela se imprimem quando atualizada em discurso. Fazem parte desse grupo dois escritos: *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (1963) e *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968).

Com essa divisão, contudo, não quero defender algo como uma separação entre aquilo que é da ordem do enunciativo e aquilo que é da ordem do social em Benveniste, dimensões estas imbricadas na obra do autor. Tal divisão não cumpre outra função senão a de organizar didaticamente minha reflexão e assinalar o viés que mais se destaca em cada grupo de textos.

Antes de apresentar esse conjunto de noções, gostaria de observar que ele decorre de um esforço de categorização e conceituação *meu* a partir do que diz Benveniste sobre a referência em diferentes textos, publicados ao longo dos últimos quinze anos de sua carreira. Tais noções não podem, portanto, ser diretamente atribuídas ao linguista. Além disso, este estudo sobre referência e

aquisição da linguagem integra uma pesquisa mais ampla que investiga o fenômeno referencial na obra benvenistiana dedicada à enunciação. Assim, a divisão dos textos e as noções de *referência* deles derivadas são resultados preliminares de uma investigação mais abrangente, atualmente já concluída, mas que estava em desenvolvimento quando da elaboração deste artigo³.

Passemos a essas noções.

2.1. A referência na relação língua-discurso

Do primeiro grupo de textos, que enfatiza a referência na relação língua-discurso, podem ser derivadas quatro noções de referência:

- **Referência como remissão à instância de discurso:** trata-se da *auto-* ou *sui-*referência, isto é, da remissão feita pelos dêiticos de pessoa, espaço e tempo à situação discursiva em que são empregados e na qual situam os interlocutores (as pessoas do discurso *eu* e *tu*). São o que Benveniste denomina, em *A natureza dos pronomes* (1956), *Da subjetividade na linguagem* (1958) e *A linguagem e a experiência humana* (1965), de signos vazios, os quais adquirem referência apenas no presente em que se fala, sendo os instrumentos da passagem de locutor a sujeito (a *subjetividade*) e da conversão da língua em discurso (a *enunciação*).
- **Referência como predicação linguística:** trata-se da remissão ao “mundo objetivo” feita por todas as formas da língua que não são *auto-* ou *sui-*referenciais, ou seja, que não remetem à situação discursiva, mas ao objeto do discurso (a não pessoa *ele*). São signos plenos, que desempenham o que o linguista chama, em *A natureza dos pronomes* (1956), de *função denominativa da linguagem* e tornam possível a predicação linguística, por meio da nomeação dos objetos do mundo e da organização sintática desses nomes no discurso.
- **Referência como propriedade da frase enquanto unidade do discurso:** trata-se do fato de a frase conter *sentido* (é enformada de significação) e *referência* (refere-se a uma dada situação). Segundo Benveniste, em *Os níveis da análise linguística* (1964), essa dupla propriedade da frase a torna analisável para a criança na aquisição da linguagem, quando esta toma consciência do signo sob a espécie da *palavra*, o que acontece a partir da frase e no exercício do discurso.
- **Referência como mecanismo integrante do processo de enunciação:** trata-se da configuração do discurso pela *situação discursiva* e pela *atitude do locutor*, aspecto abordado mais detalhadamente por Benveniste em *A forma e o sentido na linguagem* (1966) e *O aparelho formal da enunciação* (1970). A situação discursiva funciona como um centro de referência interno, que determina o modo como o locutor se apropria da língua e implanta o outro como alocutário.

³ Esta investigação mais ampla resultou no livro, recentemente finalizado e em vias de publicação, *O problema da referência em Émile Benveniste* (cf. OLIVEIRA, no prelo).

Já a atitude do locutor introduz aquele que fala em sua fala, consistindo no seu querer-dizer, que define a maneira como ele expressa sua subjetividade em relação ao dito e constitui a intersubjetividade no dizer.

2.2. A referência na relação língua-sociedade

Do segundo grupo de textos, que enfatiza a referência na relação língua-sociedade, podem ser derivadas duas noções de referência:

- **Referência como relação de significação entre o signo e o real:** trata-se da *faculdade simbólica* explorada por Benveniste em *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (1963), a qual diz respeito à capacidade representativa de estabelecer uma relação de significação entre algo (o real) e algo diferente (o signo), transformando os elementos da realidade em *conceitos* e relacionando-os com *palavras* no discurso⁴. De acordo com Benveniste, a aquisição da linguagem é uma experiência que acompanha o amadurecimento dos processos de simbolização pela criança, por meio dos quais ela passa a produzir representações de objetos e situações, signos que são distintos de seus referentes materiais, o que a introduz como indivíduo na sociedade e a integra à cultura que a cerca.
- **Referência como funcionamento do discurso socialmente situado:** trata-se, aqui, do que Benveniste nomeia, em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968), de *semantismo social* e *duplo funcionamento (inter)subjetivo e referencial do discurso*. O semantismo social envolve os usos particulares que cada classe ou grupo faz do sistema comum a todos, ao se apropriar dos termos gerais e atribuir a eles *referências específicas*, incorporando às formas linguísticas os valores socialmente partilhados. Já o duplo funcionamento discursivo concerne à relação *eu-tu* (a estrutura de alocação exclusiva aos homens) e à relação *eu-tu/ele* (a operação de referência ao mundo externo à alocação). Conforme o autor, esse duplo sistema relacional da língua inclui o falante em seu discurso e a pessoa na sociedade, bem como determina os modos de enunciação que singularizam cada homem e cada classe ou grupo de homens no uso da língua.

3. A OPERAÇÃO DE REFERÊNCIA NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: UMA PERSPECTIVA AQUISICIONAL ENUNCIATIVA

Silva (2009) desloca a reflexão benvenistiana sobre a referência para o campo da aquisição da linguagem, concebendo a referência como uma operação

⁴ Nesse texto de 1963, ao tratar da transformação simbólica dos elementos da realidade em “conceitos” e da relação desses conceitos com “palavras” no discurso, Benveniste parece entender o termo *conceitos* como *sentidos* e o termo *palavras*, como *formas*. Portanto, a referência como relação de significação entre o signo e o real consiste na transmutação deste em sentidos que se unem a formas, constituindo os signos que representam discursivamente a realidade.

enunciativa necessária à criança em sua trajetória de não falante a falante e na qual ela estabelece a relação mundo-discurso, representando os referentes do mundo por palavras no discurso. Tal movimento revela a interdependência entre a intersubjetividade e a referência na aquisição, pois a referência (*ele*) comparece na relação *eu-tu* por meio de ajustes de forma e sentido entre a criança e o alocutário. Nesses ajustes, o alocutário ressignifica as *formas enunciativas* produzidas pela criança – ainda não totalmente coincidentes com a estrutura linguística – por meio de *formas da língua* – já reconhecíveis como unidades do sistema.

Para a autora, a grande mudança na relação criança-linguagem atestada por essa operação é “a passagem de uma *referência mostrada* para uma *referência constituída na língua-discurso*” (SILVA, 2009, p. 246, grifos da autora). Em outros termos, a criança passa de uma referência ancorada na situação discursiva (*referência mostrada*) para uma referência criada no interior do próprio discurso (*referência constituída*). Tal passagem se processa via reconhecimento, de um lado, do caráter arbitrário do signo – o que remete à relação língua-realidade – e, de outro lado, da natureza articulada da língua na dissociação e na integração de seus níveis e unidades – o que remete à relação forma-sentido. Temos, aqui, “o mecanismo que coloca em relevo a língua e o uso da língua” (SILVA, 2009, p. 245), cuja lógica é a seguinte:

A criança enuncia X, em que X é: a) remetido à situação de enunciação, responsável pela atribuição de referência; b) formado por unidades que estão em relação entre si; c) constituído por operações de constituição e integração dessas unidades e d) constituído por ajustes de *sentido* e de *forma* das referências produzidas na enunciação constituída por *eu* e por *tu*. (SILVA, 2009, p. 245, grifos da autora).

Tais ajustes de forma e sentido entre a criança e o outro da alocação ocorrem em movimentos de referência e correferência, nos quais ela produz estruturas no uso, que se convertem gradativamente em formas linguísticas. Isso acontece à medida que a criança apreende a língua como um sistema de níveis e unidades passíveis de *dissociação* (capacidade de uma unidade dissociar-se em constituintes de nível inferior) e *integração* (capacidade de uma unidade integrar um nível superior). Silva (2009, p. 247) postula que é “É justamente a apreensão dessa dupla capacidade da língua [de dissociação e integração] que possibilita à criança engendrar as formas para produzir referências no discurso”.

4. DOS ASPECTOS METODOLÓGICOS

4.1. Dos procedimentos de análise

A partir do referencial teórico mobilizado, analisarei quatro dados de aquisição da linguagem. Para tanto, organizo tais dados em duas categorias analíticas, extraídas da reflexão de Silva (2009), conforme figura 1:

SILVA (2009)	CATEGORIAS DE ANÁLISE
<ul style="list-style-type: none"> • Operação de referência 	<ul style="list-style-type: none"> • Referência mostrada • Referência constituída

Figura 1. Categorias de análise.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A primeira categoria apresenta dois dados em que predomina a referência mostrada, ou seja, a dependência do dizer em relação à situação de discurso imediata.

Já a segunda categoria apresenta outros dois dados, nos quais predomina a referência constituída, isto é, a representação do mundo pelo discurso, o que torna o dizer “independente” – em termos de tema do discurso – do *aqui- agora* da enunciação.

Quanto às noções de referência que derivei da reflexão benvenistiana, depreendo delas três instâncias de análise, conforme figura 2:

NOÇÕES DE REFERÊNCIA	INSTÂNCIAS DE ANÁLISE
<ul style="list-style-type: none"> • Referência como remissão à instância de discurso. • Referência como predicação linguística. • Referência como propriedade da frase enquanto unidade do discurso. • Referência como mecanismo integrante do processo de enunciação. • Referência como relação de significação entre o signo e o real. • Referência como funcionamento do discurso socialmente situado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situação discursiva • Tema do discurso • Atitude do locutor

Figura 2. Instâncias de análise.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A primeira instância é a **situação discursiva** (o *eu-tu-aqui- agora*), que inclui o locutor, o alocutário e o contexto espaço-temporal em que dialogam.

A segunda instância é o **tema do discurso** (o *ele*), que consiste no objeto da alocação referido e correferido por *eu* e *tu* na situação discursiva. Esse *falar* sobre o mundo veicula os valores desse mundo e implica considerar os condicionantes sociais e culturais da língua em emprego nas relações intersubjetivas.

A terceira instância é a **atitude do locutor** (o seu querer-dizer), que se define em termos de engajamento do locutor no discurso, assumido por ele como um modo de ação sua sobre a língua e sobre o outro para enunciar sua posição em relação ao tema e ao alocutário.

Enquanto as duas categorias organizam a análise dos recortes de acordo com o tipo de referência que neles predomina, as três instâncias a operacionalizam como procedimentos de descrição e explicação do funcionamento referencial do discurso em cada recorte.

4.2. Do *corpus* e das convenções de transcrição

Os dados analisados a seguir pertencem ao acervo do grupo de pesquisa interinstitucional NALíngua (Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem), coordenado pelas Profas. Dras. Alessandra Del Ré (Unesp) e Márcia Romero (Unifesp). Esse grupo conta com alguns *corpora* de aquisição da linguagem, constituído por dados de crianças acompanhadas longitudinalmente, em situações naturalísticas. Os dados selecionados para análise, neste trabalho, pertencem ao *corpus* de Gustavo, criança acompanhada do 1º mês aos 6 anos e 11 meses, em coletas mensais, com cerca de uma hora de duração cada (cf. HILÁRIO; DEL RÉ, 2015, p. 59).

Para realizar a análise, além de adotar os procedimentos delimitados na subseção anterior, tomo cada dado como um recorte enunciativo, “concebido como o espaço de discurso em que determinado tema é referido e correferido na alocação” (SILVA, 2009, p. 219). A transcrição desses recortes foi feita com o programa CLAN, baseado na plataforma CHILDES, segundo as normas CHAT, conjunto de convenções de transcrição reconhecido internacionalmente⁵, conforme figura 3⁶:

⁵ Para maiores informações sobre o tratamento metodológico que o grupo NALíngua dispensa aos dados, ver Hilário e Del Ré (2015) e Del Ré, Hilário e Rodrigues (2016).

⁶ Quanto aos quatro recortes aqui analisados, transcrevi apenas o recorte 2, que não constava transcrito no acervo do grupo. Ademais, nas transcrições dos recortes 1, 3 e 4, fiz alguns ajustes que me pareceram mais fidedignos às gravações em áudio e vídeo. Por fim, optei por adaptar as legendas em inglês para o português.

Linhas principais (participantes das sessões):
*CRI: criança
*MÃE: mãe
*PAI: pai
*OBS: observadora
Linhas dependentes:
%com: comentário do transcritor
%ato: ação realizada pela criança durante sua fala
Símbolos utilizados nas transcrições:
+/. Interrupção por alguém
+//. Interrupção do próprio locutor
pausa
pausa longa
pausa muito longa
: alongamento da sílaba
:: maior alongamento da sílaba
() elisão de alguma palavra
[?] referência incerta
IM: entonação ascendente
ID: entonação descendente
@i: interjeição
@0: onomatopeia
xx: palavra inteligível
xxx: enunciado inteligível
[/] retomada do enunciado sem correção
[//] retomada do enunciado com correção
[///] retomada com reformulação
[=! risos] eventos extralinguísticos (todos os que contêm colchetes e ponto de exclamação)
< > delimita a palavra a que se refere o símbolo posterior
[1] sobreposição da fala dos participantes

Figura 3. Convenções de transcrição.

Fonte: Adaptado da versão reduzida em português do manual CHAT, desenvolvida pelo grupo NALíngua.

Apresentados os aspectos metodológicos da pesquisa, passemos à análise dos dados.

5. REFERÊNCIA E AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: A RELAÇÃO EU-TU/ELE NA ENUNCIÇÃO DA CRIANÇA

Os recortes enunciativos serão analisados de acordo com as categorias em que se inserem.

5.1. A referência mostrada

Recorte enunciativo 1: “Põe aí em cima do sofá”

@Participantes:	CRI Gustavo criança, MÃE
@Aniversário:	13-JAN-2008
@Idade:	Gustavo1_8_20
@Local:	Casa da CRI, na sala do apartamento.
@Situação:	A CRI assiste a televisão enquanto come uva.
%ato:	CRI mexe o corpo.
*CRI:	@0: .
%ato:	CRI procura pela uva.
*CRI:	@0: .
%ato:	Cri pega o cacho e tira uma uva .
*CRI:	0 [=! chora] .
%ato:	CRI continua segurando o cacho .
*CRI:	@0: [=! chora] .
%ato:	CRI tenta dar o cacho de uva para MÃE.
*MÃE:	põe aí em cima do sofá .
*MÃE:	põe .
*MÃE:	aí:
%ato:	CRI coloca o cacho em cima de um guardanapo no sofá .

Recorte enunciativo 2: “Que que é o McQueen?”

@Participantes: CRI Gustavo criança, OBS Alessandra Observadora, PAI, MÃE.
@Aniversário: 13-JAN-2008.
@Idade: Gustavo2_3_17.
@Local: Casa da CRI, na sala do apartamento.
@Situação: A CRI conversa com o PAI, a MÃE e a OBS, que lhe questionam sobre o nome de um objeto.

*PAI: ali que aparece o avião né ?
*OBS: [=! ri]
*PAI: mais o McQueen é um avião ?
*CRI: não .
%ato: a criança olha para o chão com expressão de dúvida.
*PAI: que que o McQueen é ?
*CRI: não .
*PAI: o McQueen é o quê ?
*CRI: [1] nã(o) .
*MÃE: [1] já sei # o McQueen é uma galinh:a ?
*PAI: uma gali:nh:a ?
*OBS: [1] [=! ri]
*CRI: [1] nã(o) .
*PAI: que que é o McQueen ? # Hm?
*OBS: é um cachorro !
*PAI: é um cachorro o McQueen ?
*CRI: xx nã:o .
*OBS: [1] [=! ri]
*PAI: [1] que que é ?
*OBS: é:: é um balão ?
*CRI: nã:o .
%ato: a criança olha para a observadora com expressão de dúvida.
*PAI: [1] o McQueen é um balão ?
*OBS: [1] não é ?
*CRI: não .
*PAI: que que o McQueen é ? # hein ?
*OBS: é uma flor ?

Nesses dois primeiros recortes, é a referência mostrada que predomina, pois a criança está na dependência da situação discursiva imediata.

No recorte enunciativo 1, Gustavo não toma propriamente a palavra, mas enuncia sua **atitude de locutor** chorando e gesticulando ao outro em um apelo para que este dê algum destino ao cacho de uva em sua mão.

Como resposta, obtém da mãe um comando, enunciado por ela com o recurso ao imperativo verbal “põe”, aos dêiticos espaciais “aí” e “em cima” e ao objeto mostrado e nomeado “sofá”. A criança atende à ordem da mãe, evidenciando sua dependência em relação à **situação discursiva** e acedendo à condição de ouvinte do dizer do outro, por meio da aparente compreensão da atualização tanto de signos vazios (os indicadores de espaço) quanto de um signo pleno (o lexema “sofá”).

O **tema do discurso** comparece, aqui, como “uma certa referência de situação”, partilhada por *eu* e *tu*, sem a qual, segundo Benveniste, “a comunicação como tal não se opera” (BENVENISTE, 1964/2005, p. 140).

Na **situação** do recorte enunciativo 2, a criança é chamada pelo outro a enunciar por intermédio de interrogações que lhe são endereçadas a propósito do nome de um determinado objeto, o que constitui o **tema** desse recorte. Ao questionar Gustavo sobre o que é “McQueen” – um carrinho de brinquedo que está ausente de seu campo de visão no início do recorte –, o outro coloca à sua disposição signos virtuais da língua na tentativa de atualizá-los no objeto singular em questão, conforme os seguintes enunciados do pai, da mãe e da observadora: “mais o McQueen é um avião ?”; “já sei # o McQueen é uma galinh:a ?”; “é:: é um balão ?”.

Todos esses signos nominais, entretanto, despertam na criança representações com as quais ela não se identifica, sendo, assim, por ela rejeitados via repetidas negações – o modo como manifesta sua **atitude de locutor** em relação ao tema e ao alocutário nesse recorte. Tais recusas podem ser interpretadas como indícios da inserção de Gustavo na língua enquanto sistema organizado de signos, enquanto rede interna de relações paradigmáticas, opositivas e distintivas. Afinal, ele aparentemente sabe o que McQueen *não* é: não é um avião, não é uma galinha, não é um balão, assim como também não é um cachorro ou uma flor. Sua dificuldade parece ser a de operar uma escolha no paradigma e atualizá-la no sintagma, embora, diferentemente de no recorte anterior – no qual ele enuncia sua atitude por meio do choro e da gestualidade –, neste ele já produza unidades segmentáveis – a partícula negativa “não” e o nome próprio “McQueen” –, constituindo-as através da integração de unidades de um nível inferior (o nível fonológico) em um nível superior (o nível lexical), a fim de engendrar formas e referir pelo discurso.

A criança segue, nesse segundo recorte, na dependência de uma referência mostrada, como sugere seu gesto de distintividade, reconhecimento e nomeação – ainda que com um nome próprio e não com um signo lexical – do objeto tematizado no discurso quando a mãe reaparece com este em mãos e pergunta: “o que que é isso aqui ?”, ao que Gustavo responde: “o McQuee::n !”. Esse movimento de distinguir, reconhecer e nomear coloca em cena o que Benveniste designa como “função denominativa da linguagem para as referências de objeto que esta estabelece como signos lexicais distintivos” (BENVENISTE, 1958/2006, p. 282).

O desafio que se apresenta à criança, nesse recorte, é a denominação genérica de um objeto do qual parece saber apenas o nome próprio. As tentativas dos adultos de lhe oferecerem possibilidades paradigmáticas, relacionadas a outros nomes do “mundo objetivo”, corroboram o que declara Benveniste sobre língua e sociedade serem ambas *dadas e aprendidas* pelo homem: *dadas*, porque herdadas, não geneticamente, mas socialmente; *aprendidas*, porque adquiridas pela criança na imersão em práticas sociais e usos da língua de sua comunidade, onde, nas palavras do linguista, ela “descobre que tudo tem um nome e que aprender os nomes lhe dá a disposição das coisas” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 31). Também Silva (2017) atenta para a importância do ato de nomeação na inscrição subjetiva da criança no discurso, considerando “O nome, enquanto face mais aparente da operação de referência”, como “o que possibilita a cada *pessoa* estar e integrar-se no simbolismo da linguagem” (SILVA, 2017, p. 71, grifo da autora).

Esses dois recortes iniciais têm em comum o fato de exporem a referência mostrada como o principal meio de a criança neles se relacionar com a língua, com o outro e com a cultura, mas se particularizam pelos diferentes modos de enunciação de Gustavo nessas relações. Enquanto no recorte 1 ele ainda não consegue engendrar formas para produzir referências, valendo-se de choros e gestos para agir sobre o outro, no recorte 2, ele já refere a partir de unidades segmentáveis – as formas “não” e “McQueen”. No recorte 1, a criança é convocada pelo outro a correferir a partir da função intimativa, numa referência necessária ao tempo da enunciação. No recorte 2, são as funções interrogativa (por parte do outro) e assertiva (por parte da criança) que se destacam, com a criança referindo, ela própria, para responder aos questionamentos que lhe são dirigidos pelo outro da alocação. Assim, de uma *correferência* em que é implantado pelo outro como ouvinte do dizer deste (recorte 1), Gustavo passa a uma *referência* em que começa a também implantar a si como falante e ao outro como ouvinte do seu dizer (recorte 2).

5.2. A referência constituída

Recorte enunciativo 3: “Depois eu binquei um dia inteiro”

@Participantes: CRI Gustavo criança, OBS, PAI.
@Aniversário: 13-JAN-2008.
@Idade: Gustavo4_1_00.
@Local: Casa da CRI, no seu quarto.
@Situação: A CRI fala com o PAI e a OBS sobre suas férias numa chácara.

*PAI: que que (vo)cê fez lá na chácara Gu ?
*CRI: b(r)inquei com o Titico !
*PAI: mas que que fazia lá # conta um pouco p(a)ra tia Lê !
*PAI: eu fui no barro !
*OBS: hã:@i !
*OBS: (vo)cê foi no barro ?
*OBS: (vo)cê tomo(u) banho de barro ?
*PAI: <xx # fico(u) to:do sujo # n(ão)+é> [>] ?
*CRI: <não # eu só b(r)inquei> [<] !
*OBS: 0 [=! ri] .
*CRI: depois <eu> [/] eu b(r)inquei um dia inteiro # depois eu fui com a minha avó + e o Titico fico(u) lá: # aí depois veio o pinilongo # e aí depois mordeu ele .
*OBS: 0 [=! ri] .
*CRI: e aí depois foi pa(ra) ca:sa +...
*OBS: hã:@i # <e que bicho que tinha lá> [>] ?
*CRI: <e o pernilongo foi embo:ra> [<] !
*OBS: ah:@i # que bom # n(ão)+é ? ainda bem que ele foi embora .

Recorte enunciativo 4: “Mais isso é judiação!”

@Participantes: CRI Gustavo criança, OBS, PAI
@Aniversário: 13-JAN-2008
@Idade: Gustavo4_1_00
@Local: Casa da CRI, no seu quarto.
@Situação: A CRI fala com o PAI e a OBS sobre um gato chamado Bartolomeu.

*OBS: e de quem que é esse gato fofo aqui # Gu ?
%ato: OBS mostra uma foto para CRI .
*CRI: é o Bartolomeu # <ele> [/] ele (es)tava aqui com a gente +//.
*CRI: olha o xx !
*OBS: hã::@i # que bonitinho !
*CRI: é: <o> [/] o Bartô <ten> [/] <ten> [//] (es)tava tentan(d)o pega(r) o pintinho !
*OBS: a:h@i # ele é muito fofo esse gato !
*PAI: e você # que que (vo)cê fazia com o pintinho ?
*CRI: ID: pegava na mão .
*PAI: pegava na mão !
%ato: CRI fala com uma voz entristecida .
*PAI: <xxx> [>] +/.
*CRI: é # mais eu apertava ele .
%ato: CRI mostra com a mão no ar como apertava o pintinho .
*PAI: é # uma vez aperto(u) # n(ão)+é # Gu ?
*CRI: é: .
*PAI: <mais foi só uma vez> [<] .
*CRI: <mais eu fiz uma casinha # o pintinho <ele> [/] ele não saiu da casinha porque # ele não (es)tava se mexendo !
*OBS: <(coi)tadinho> [=! ri] !
*OBS: 0 [=! ri] .
*CRI: nã:o # isso não é <ba> [//] aperta(r) !
*OBS: nã:o ?
*CRI: (olh)a o pintinho que bunitinhu !
*CRI: o Bartô (es)tava querendo come(r) # aí ele seguiu .
*OBS: a:h@i # <e ele conseguiu come(r)> [>] ?
*CRI: <aqui é o Bartô onde ele (es)tá no meio> [<] do gol # ele olho(u) !
%ato: CRI mostra a foto para OBS.

*OBS: hu:m@i # ele (es)tava jogando futebol ?

*CRI: não !

*OBS: 0 [=! ri] !

*CRI: não # é só que ele (es)tava aqui <pa(ra) eu::> [/] pa(ra) não pega(r) o rabo dele !

*CRI: e sabe # um dia o meu vô solto(u) o pião # o pião foi atais do Bartô !

*OBS: hã::@i # e aí # conseguiu alcança(r) ele ?

*PAI: a:h@i # é # o pião # n(ão)+é # Gu ?

*PAI: <correu atrás do Bartô> [=! ri] !

*OBS: 0 [=! ri] .

*PAI: e aí ?

*CRI: mais isso é judiaçã:o !

*PAI: é # num [: não] pode judia(r) do bichinho # n(ão)+é ?

*CRI: é !

*PAI: mas quem que ficava correndo atrás e perturbando o Bartô o dia inteiro ?

*CRI: eu .

%ato: CRI aponta para si mesma e sorri.

*OBS: 0 [=! ri] !

*PAI: é !

*PAI: num [: não] pode # n(ão)+é # que é feio isso # n(ão)+é ?

*CRI: mais a tia Lê deu risada !

*PAI: é # mas num [: não] é legal isso # n(ão)+é # filho ?

*OBS: <num [: não] é legal> x2 .

Nesses dois últimos recortes, também há referência mostrada, mas é a referência constituída na língua-discurso que neles predomina.

No recorte enunciativo 3, a **situação discursiva** consiste em um relato da criança ao outro sobre as férias dela. Essa situação projetada como **tema do discurso** um acontecimento passado, que, como tal, não coincide com o discurso e deve ser por ele evocado em retrospecto.

Tal evocação retrospectiva impõe a Gustavo o recurso ao que Benveniste denomina *passado subjetivo*, que “É o tempo daquele que relata os fatos como testemunha, como participante; é, pois, também o tempo que escolherá todo aquele que quiser fazer repercutir até nós o acontecimento referido e ligá-lo ao nosso presente” (BENVENISTE, 1959/2005, p. 270). Segundo o linguista, o passado subjetivo é especificado por formas temporais na primeira pessoa do perfeito, que enunciam ações acabadas e estabelecem “um elo vivo entre o acontecimento

passado e o presente no qual a sua evocação se dá” (BENVENISTE, 1959/2005, p. 270).

Com efeito, nesse terceiro recorte, a criança manifesta sua **atitude de locutor** recorrendo, sobretudo, a marcas pessoais perfectivas, como no seguinte enunciado: “depois <eu> [/] eu b(r)inquei um dia inteiro # depois eu fui com a minha avó +...”. Além de índices de pessoa e tempo (signos vazios), como o pronome *eu* e os verbos “b(r)inquei” e “fui”, tal enunciado evidencia também por parte de Gustavo um manejo de signos plenos, como “depois” e “um dia inteiro”. Estes, embora ajudem a organizar a temporalidade do discurso, remetem não ao tempo linguístico (o tempo da enunciação, o *agora*), mas ao tempo crônico (o tempo do acontecimento, o *antes*). Trata-se do que Benveniste (1965/2006, p. 79) chama de “operadores [que] efetuam a transferência do tempo linguístico ao tempo crônico”, como quando o locutor precisa se deslocar do presente de um relato ao passado do acontecimento relatado.

Essa mobilização de signos vazios e signos plenos pela criança indica que tanto a categoria do tempo quanto a categoria da não pessoa estão na dependência da categoria da pessoa. Silva (2009) ratifica isso ao pontuar que, quando a criança passa a se marcar como *eu* no discurso, ela atesta a subjetividade como possibilidade de organizar discursivamente tanto a não pessoa (ou seja, a língua), “já que passa a ordenar os constituintes da frase” (SILVA, 2009, p. 268), quanto a temporalidade, “visto a organização dos acontecimentos passados e futuros e a constituição de referências intradiscursivamente ocorrerem por meio desse presente em que se enuncia como *eu*” (SILVA, 2009, p. 269).

De fato, o recorte 3 mostra Gustavo, de um lado, constituindo frases a partir da atualização sintagmática de formas paradigmáticas, quer dizer, a partir da conversão de signos da língua em palavras no discurso, e, de outro lado, deslocando-se temporalmente na enunciação para situar, a partir do presente desta, um acontecimento em um passado anterior a ela: suas férias na chácara. Nessa movimentação pela língua-discurso, portanto, a criança produz uma *referência temporal intradiscursiva*, porque instanciada no interior do discurso – em relação, sim, ao presente da enunciação, mas não mais assimilada a esse presente, como na referência mostrada.

Por fim, no recorte enunciativo 4, a **situação** põe em relação uma referência mostrada (a partir da pergunta que o outro faz à criança acerca de um gato numa fotografia sobre a mesa) e uma referência constituída (a partir do relato ao outro pela criança de acontecimentos passados envolvendo o animal em questão).

Ao contrário do recorte anterior, todavia, esse não enfoca o relato em si enquanto retrospecto temporal, mas duas ações pontuais no interior dele: uma ligada a um pintinho e outra, ao referido gato. A relação entre tais ações não se deve apenas ao fato de ambas envolverem animais: deve-se também – e sobretudo – ao fato de as duas ressaltarem a indissociabilidade entre língua e cultura. Desse vínculo indissociável, dá testemunho a relação homem-animal tematizada no recorte. Quanto a esse **tema**, o locutor enuncia sua **atitude** subjetiva de dois modos: (a) via aspecto vocal da enunciação; (b) via função sintática da asserção.

O aspecto vocal ganha relevo quando o pai pergunta a Gustavo o que ele fazia com o pintinho, e a criança lhe responde com uma voz entristecida: “pegava na mão”. A entonação descendente impressa ao enunciado por ele vai ao encontro do que afirma Diedrich (2015) sobre a criança revestir as formas da língua de sentidos renovados ao mobilizar *arranjos vocais* específicos à cada situação discursiva e à cada relação intersubjetiva de que participa, imprimindo nesses arranjos os valores da cultura em que está imersa. A tristeza de Gustavo, manifesta pela entonação de sua resposta ao pai, é esclarecida na sequência, quando ele diz que “apertava” o pintinho, e também mais adiante, quando conta ao outro que seu avô soltou um pão na direção do gato Bartô, o que reprova asseverando: “mais isso é judiação!”.

Essa asserção não só comunica uma certeza do locutor, engajando-o no discurso, como também ilustra o simbolismo que articula o sistema linguístico e o sistema cultural. Isso porque, com o emprego de “judiação”, a criança estabelece uma relação de significação entre o signo e o real, transformando um elemento da realidade social em que está inserida (o maltrato a animais) em um conceito (o de judiação). Se a cultura, enquanto fenômeno simbólico, consiste “numa multidão de noções e de prescrições, e também em *interdições* específicas” e se, “Pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 32, grifo do autor), então podemos concluir que Gustavo, ao empregar como palavra no discurso o signo da língua “judiação”, atualiza seu significado genérico em um sentido particular, atribuindo a esse termo geral uma referência específica ao grupo social do qual faz parte.

Dessa maneira, o locutor-criança assimila e perpetua a interdição cultural que proíbe judiar-se de animais, proibição esta reafirmada pelo alocutário-adulto, instância representativa da língua e da cultura em suas alocações, conforme os seguintes enunciados do pai: “é # num [: não] pode judia(r) do bichinho # n(ão)+é ?” e “é # mas num [: não] é legal isso # n(ão)+é # filho?”. Tal exemplo dá uma amostra do semantismo social que regula os usos da língua pelos indivíduos pertencentes a uma comunidade, os quais manifestam em seu discurso o duplo funcionamento intersubjetivo e referencial da língua na enunciação, que torna possível a relação homem-homem (intersubjetividade) e a relação homem-mundo (referência).

Se na primeira categoria predomina a referência mostrada, por meio de uma *referência de situação* (recorte 1) e uma *referência de objeto* (recorte 2), nessa segunda categoria, predomina a referência constituída na língua-discurso, por meio de uma *referência temporal* (recorte 3) e uma *referência cultural* (recorte 4).

6. CONCLUSÃO

Para concluir, retomo – a fim de respondê-la – minha pergunta de pesquisa: *como a relação eu-tu (intersubjetividade) / ele (referência) contribui para a constituição da criança como falante de sua língua materna e participante da sociedade dessa língua?*

O percurso teórico-analítico empreendido permite-me responder a essa questão pontuando dois aspectos: (a) as mudanças na relação criança-linguagem

observáveis nos dados analisados; (b) o papel constitutivo da escuta na constituição da criança como falante.

Três são as principais mudanças na relação da criança com a linguagem verificáveis no conjunto dos recortes enunciativos examinados:

- **Primeira mudança:** de uma ausência suprida por emissões vocais como choros e ações não verbais como gestos, a *língua* passa a uma presença circunscrita, inicialmente, à fonologia e ao léxico e extensível, gradualmente, à sintaxe, à medida que a criança apreende a língua enquanto sistema de níveis e unidades passíveis de dissociação e integração para a produção de referências e correferências no discurso.
- **Segunda mudança:** de “colado” à situação discursiva imediata e por ela configurado na referência mostrada, o *discurso* passa a se desprender dela e a igualmente configurá-la na referência constituída, o que possibilita à criança deslocar-se discursivamente por tempos e espaços outros além do *aqui-agora* da enunciação, bem como imprimir em seu discurso os valores da cultura em que está imersa.
- **Terceira mudança:** de uma correferência em que é implantada pelo outro como ouvinte do dizer deste, a *criança* passa, primeiramente, a uma referência em que começa a também implantar a si como falante e ao outro como ouvinte do seu dizer e, posteriormente, a uma atividade incessante de produção e compreensão de referências e correferências em que consolida os lugares de falante e ouvinte de sua língua materna e participante da sociedade dessa língua.

Essas três mudanças corroboram a *correferência* como condição da referência, isto é, a *escuta* como condição da fala. Isso permite redimensionar uma afirmação de Benveniste presente em *O aparelho formal da enunciação* (1970), conforme a qual a condição da enunciação “é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor” (BENVENISTE, 1970/2006, p. 84). Essa proposição é inteiramente coerente quando se trata de uma língua e um falante já constituídos, mas e quando se trata de uma língua e um falante em processo de constituição?

A aquisição da linguagem parece-me inverter a relação entre referir e correferir na enunciação, pois a correferência aparentemente tem o estatuto de uma necessidade definida por uma *anterioridade lógica* à referência enquanto possibilidade. Dito de modo mais simples: a criança precisa primeiro correferir como ouvinte para, então, poder referir como falante. Tal papel constitutivo da escuta na aquisição é demonstrado de duas formas:

- pela criança, que precisa, antes de tudo, aceder à condição de ouvinte do dizer do outro para, como explica Silva (2009), incluir-se no *simbólico da língua* com todas as nomeações nele contidas e apropriar-se da *palavra* a partir da escuta da *frase* do outro, acedendo, por conseguinte, também à condição de falante;

- pelo outro, que, ao se colocar como ouvinte da criança e atribuir sentido às suas manifestações sonoras e corporais, situa-a como um falante em potencial e concede-lhe um lugar de enunciação, sendo a escuta do adulto, conforme Silva e Flores (2015), o que introduz a criança cotidianamente no *mundo do símbolo*⁷.

Respondendo diretamente à questão norteadora: a relação *eu-tu* (intersubjetividade) / *ele* (referência) contribui para a constituição da criança como falante de sua língua materna e participante da sociedade dessa língua, na medida em que é nas relações com o outro e com a cultura via enunciação que a criança apreende, com os signos da língua, os objetos e as situações do mundo por eles representados, transformando simbolicamente os elementos da realidade em conceitos (sentidos) e relacionando-os com palavras (formas) no discurso.

A referência parece ser, portanto, o observatório por excelência do nascimento do homem na língua e na cultura, pois, como brilhantemente formula Benveniste (1968a/2006, p. 23), “toda criança e em todas as épocas, na pré-história a mais recuada como hoje, aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura”.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes (1956). In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. 5.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem (1958). In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. 5.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

⁷ Tais resultados atinentes às mudanças na relação criança-linguagem e ao papel da escuta nessa relação, bem como as categorias e as instâncias analíticas que possibilitaram a obtenção desses resultados, também podem ser identificados em outros recortes, tanto do *corpus* de Gustavo (GUS) quanto do *corpus* de Francisca (FRA). Essa última foi a criança acompanhada por Silva (2009) em coletas igualmente naturalísticas e longitudinais, porém dos onze meses aos três anos e quatro meses. Foi a partir da análise dos dados de FRA que a autora propôs a operação de referência como um *movimento geral* que toda criança precisa realizar para se constituir falante, embora essa realização se dê por meio de *movimentos particulares* a cada criança. Conforme Silva (2009, p. 285), “uma análise enunciativa não generaliza os seus resultados, porque a especificidade do tempo, do espaço e dos sujeitos aí incluídos permite conceber o que há de singular na aquisição da linguagem para o sujeito em questão. [...] Embora possamos prever esses deslocamentos [a exemplo da operação de referência] como constitutivos de toda criança na estrutura da enunciação, concebemos que o modo como cada criança realiza esses deslocamentos seja particular, porque cada ato de aquisição da linguagem põe em cena a singularidade de cada sujeito na estrutura da enunciação, em que os sentidos e formas produzidas constituem-se no próprio ato”. Ao afirmar que uma análise enunciativa não visa à *generalização*, a autora se refere à *generalização* como é perseguida em estudos aquisicionais numa perspectiva desenvolvimental, que – em geral a partir de coletas experimentais e transversais e a partir de análises pautadas pela quantificação e pela repetibilidade – procuram delimitar estágios universais pelos quais todas as crianças passariam regularmente. A perspectiva aquisicional enunciativa inaugurada por Silva (2009) não se pauta na noção de *desenvolvimento* nem, conseqüentemente, na noção de *generalização* que orienta pesquisas desenvolvimentais, o que, contudo, não significa que tal perspectiva enunciativa não busque um certo tipo de *generalização*. Esse tipo existe e se trata de uma *generalização* teórica a partir de uma análise qualitativa – mas nem por isso menos rigorosa – de dados naturalísticos e longitudinais.

- BENVENISTE, Émile. As relações de tempo no verbo francês (1959). In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. 5.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, Émile. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística (1963). In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, Émile. Os níveis da análise linguística (1964). In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. 5.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, Émile. A linguagem e a experiência humana (1965). In: _____. *Problemas de Linguística Geral II Problemas de Linguística Geral II*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem (1967). In: _____. *Problemas de Linguística Geral II*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BENVENISTE, Émile. Estruturalismo e linguística (1968a). In: _____. *Problemas de Linguística Geral II*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BENVENISTE, Émile. Estrutura da língua e estrutura da sociedade (1968b). In: _____. *Problemas de Linguística Geral II*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação (1970). In: _____. *Problemas de Linguística Geral II*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- DEL RÉ, Alessandra; HILÁRIO, Rosângela Nogarini; RODRIGUES, Rúbens Antonio. O corpus *NALíngua* e as tecnologias de apoio: a constituição de um banco de dados de fala de crianças no Brasil. *Artefactum – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 1-16, 2016.
- DIEDRICH, Marlete Sandra. *Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem*. 147 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2015.
- HILÁRIO, Rosângela Nogarini; DEL RÉ, Alessandra. Questões metodológicas e ferramentas de pesquisa nos estudos em Aquisição da Linguagem. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 59, n. 1, p. 57-63, jan.-mar., 2015.
- PLATÃO. Crátilo. In: SOUZA, Luciano Ferreira de. *Platão: Crátilo – Estudo e tradução – Exemplar revisado*. 200 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2010.
- OLIVEIRA, Giovane Fernandes. *O problema da referência em Émile Benveniste*. Curitiba: Appris, no prelo (com previsão de publicação para janeiro de 2021).
- SILVA, Carmem Luci da Costa. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.
- SILVA, Carmem Luci da Costa.; FLORES, Valdir do Nascimento. A significação e a presença da criança na linguagem. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 133-149, jun. 2015.

SILVA, Walleska Bernardino. Da noção de referência à noção de objetos de discurso: a instituição da relação linguagem-mundo. In: SILVA, Walleska Bernardino. *A referência em textos verbo-imagéticos*. 306 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2014.

Recebido: 8/6/2019
Aceito: 2/7/2020
Publicado: 8/7/2020